

**E vos, quem dizeis que eu sou?
A recepção do *Evangelho Segundo Jesus,
Rainha do Céu* no Brasil**

**And you, who do you say I am?
The Reception of *The Gospel According to Jesus,
Queen of Heaven* in Brazil**

*Graham Gerald McGeoch*¹

RESUMO

Neste artigo, analisa-se a recepção de Rainha Jesus no Brasil. A peça *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu* estreou no Brasil em 2016. A peça foi escrita por Jo Clifford que mora na Escócia. Ela foi traduzida por Natalia Mallo (uma argentina que mora no Brasil) e a atriz Renata Carvalho protagoniza Rainha Jesus na versão brasileira da peça. Especificamente, no artigo consideram-se as intervenções públicas de um prefeito evangélico do Rio de Janeiro, uma cantora lésbica da Bahia e um monge beneditino. A recepção de Jesus é um tema fundamental para a teologia. A peça *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu* pauta no Brasil a própria pergunta de Jesus, recordada no Evangelho de Mateus: “E vos, quem dizeis que eu sou?” (Mt 16:15).

PALAVRAS-CHAVE

Cristologia. Rainha Jesus. Liberdade Religiosa. Liberdade de Expressão.

ABSTRACT

This article analyses the reception of Queen Jesus in Brazil. The play, *The Gospel According to Jesus, Queen of Heaven*, opened in Brazil

¹ Doutor em Teologia pela Universidade de Glasgow, Escócia, professor da Faculdade Unida de Vitória.

in 2016. The play was written by Jo Clifford who lives in Scotland. It was translated by Natalia Mallo (an Argentinian who lives in Brazil) and the actress Renata Carvalho plays Queen Jesus in the Brazilian version. In particular, the article considers the public interventions of an evangelical mayor of Rio de Janeiro, a lesbian Bahian singer and a Benedictine monk. Receiving Jesus is a fundamental theme for theology. The play *The Gospel According to Jesus, Queen of Heaven* places in Brazil the question asked by Jesus as recorded in Matthew's gospel, "But who do you say that I am?" (Mt 16:15).

KEYWORDS

Christology. Queen Jesus. Religious Freedom. Freedom of Expression.

Introdução

Qual é a ligação entre um prefeito evangélico do Rio de Janeiro, uma cantora lésbica da Bahia e um monge beneditino? Marcelo Crivella, Daniela Mercury e Marcelo Barros têm comentado em público a *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu*, da dramaturga que mora na Escócia, Jo Clifford.

Depois de uma intervenção judicial que impediu a exibição da peça *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu* no Rio de Janeiro, Marcelo Crivella usou redes sociais para divulgar sua opinião enquanto Prefeito da cidade sobre a peça. Crivella disse que é "um espetáculo que ofende a consciência dos cristãos... Na minha administração, nenhum espetáculo, nenhuma exposição, vai ofender a religião das pessoas. Eu não vou permitir. Enquanto eu for prefeito, nós vamos respeitar a consciência e a religião das pessoas"².

A intervenção pública do prefeito do Rio de Janeiro não foi a única intervenção política ou jurídica na recepção da peça no Brasil. Um

² GONÇALVES, Juliana e DE LARA, Bruna. *Marcelo Crivella censura Jesus Trans: peça tinha sido aprovada pela prefeitura do Rio de Janeiro*. 2018. Disponível em: <theintercept.com/2018/06/05/crivella-censura-jesus-trans/>. Acesso em: 7 de novembro de 2018.

dos candidatos na eleição à Presidência da República utilizou uma rede social para denunciar a peça depois do seu cancelamento no Festival de Inverno de Garanhuns/PE, no Nordeste do Brasil: “A quem interessa retratar a imagem de Cristo como transexual? Isso é liberdade de expressão? É arte? É cultura? Nosso repúdio e protesto. Deus salve o Brasil”³. Também São Paulo e Porto Alegre ocorreram casos de intervenção e deliberação por parte do judiciário sobre a peça⁴.

A intervenção de Crivella, que é bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, é emblemática, pois indica intervenções por parte dos políticos (sim, são homens) e dos juízes (sim, são homens). Crivella fala em nome da liberdade religiosa e seu argumento básico é que nenhuma peça de arte tem o direito de ofender a religião. Para ele, a peça é “um espetáculo que ofende a consciência cristã”⁵.

Daniela Mercury é uma cantora lésbica da Bahia. Durante um show ao vivo no Nordeste do Brasil, ela deu uma pausa e falou por alguns minutos sobre “a censura de uma peça de teatro”⁶. Ela defendeu a arte e, portanto, a peça, dizendo que “a arte é para incomodar, é para fazer pensar, é para refletir para libertar a cabeça... Censurar uma peça de teatro por convicções religiosas é um absurdo. Isso não pode ser permitido. A nossa Constituição não deixa isso. A nossa Constituição não é a Bíblia”⁷. Sua fala exaltada, que condenou a intolerância religiosa e sua

³ BOLSONARO, Jair. M. *Na programação do Festival de Inverno de Garanhuns/PE*. 2018. Disponível em: <twitter.com/jairbolsonaro/status/1013168711409299457>. Acesso em: 7 de novembro de 2018.

⁴ GONÇALVES e DE LARA, 2018.

⁵ O tema de Liberdade religiosa é desenvolvida neste artigo. De igual importância e urgência é uma reflexão acerca de “consciência cristã”. Jerônimo, Agostinho e Orígenes todos ajudam fundamentar a “consciência cristã” no campo da moralidade e direito natural. Nesta linha, a “consciência cristã” é a própria voz de Deus, portanto relacionada com a revelação divina. MADA, Teofan. (2014) “Moral Conscience in Eastern Patristic Theology”. *International Journal of Orthodox Theology* 5:2), p. 75-102.

⁶ MERCURY, Daniela. *Daniela Mercury detona censura a peça sobre Jesus travesti*. 2018. (4m31s). Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=7kErgzcY1oM>. Acesso em: 7 de novembro de 2018.

⁷ VALADARES, João. *Censurar peça é absurdo, diz Daniela Mercury sobre espetáculo com atriz trans*. 2018. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/07/censurar-peca-e-absurdo-diz-daniela-mercury-sobre-espetaculo-com-atriz-trans.shtml>. Acesso em: 7 de novembro de 2018.

interferência nas artes, girou em torno da liberdade de expressão. Ou seja, Daniela Mercury e Marcelo Crivella estão falando em público sobre a peça, partindo de dois pressupostos diferentes que frequentemente entram em choque nos debates atuais sobre a religião: a liberdade de expressão e a liberdade religiosa.

Durante sua fala, Mercury contou sobre as agressões e violências físicas e verbais sofridas por sua amiga Renata Carvalho. Carvalho é a atriz trans que protagoniza Rainha Jesus na versão brasileira da peça. Natalia Mallo, tradutora e diretora da peça, escolheu uma atriz trans para protagonizar Jesus. Na Escócia, é a própria Jo Clifford que protagoniza a Rainha Jesus. Renata Carvalho é uma atriz trans que sofreu rejeições sistemáticas por cerca de 20 anos do seu trabalho profissional. Sem opção, ela se prostituiu para sobreviver⁸. Depois de protagonizar Rainha Jesus, Carvalho fundou o Coletivo T, um grupo que milita para melhores oportunidades para artistas trans e que pressiona diretores de televisão, filme e teatro a revisar suas políticas trabalhistas para pessoas trans⁹.

Marcelo Barros, um monge beneditino, escreveu uma carta aberta aos irmãos e irmãs, cristãos de Garanhuns¹⁰. Garanhuns é a cidade no Nordeste do Brasil onde a peça foi retirada do programa do festival de arte. Na sua carta aberta, Barros faz um apelo à tolerância, lembrando as irmãs e os irmãos que “o Jesus no qual creio se identificou com todos os que sofrem discriminações sociais e são mal vistos pela sociedade”¹¹. Barros é bastante conhecido no Brasil como escritor e teólogo com sensibilidade ao diálogo e co-operação inter-religiosa. Ele é biblista e sua carta, motivada pelos protestos de um grupo dito cristão que tentava impedir a apresentação da peça, é uma tentativa de reconciliar a liberdade de expressão com a liberdade religiosa, fruto da sua leitura dos evangelhos. Barros está preocupado com que irmãs e irmãos

⁸ THE BRITISH Council. *Momentum: Stories from Edinburgh*. Londres: British Council, 2018, p. 13.

⁹ THE BRITISH, 2018, p. 13.

¹⁰ BARROS, Marcelo. *Carta aos irmãos e irmãs, cristãos de Garanhuns*. 2018. Disponível em: <<http://marcelobarros.com/blog/carta-aos-irmaos-e-irmas-cristaos-de-garanhuns/>>. Acesso em: 7 de novembro de 2018.

¹¹ BARROS, 2018.

da mesma fé cristã protestem – às vezes de forma violenta – contra a interpretação de Jesus por uma atriz trans: “A imprensa diz que o motivo da condenação é porque, na peça, Jesus é representado por uma atriz transexual. Ainda há cristãos que acham que Jesus não pode ser representado por uma transexual”¹².

1. Recebendo Rainha Jesus no Brasil

Não é incomum que debates sobre religião e arte e, mais recentemente, debates envolvendo religião e pessoas trans girem em torno dos conceitos de liberdade de expressão e liberdade religiosa. É fácil fazer essa polarização em campos complexos de estudos. Nos exemplos citados acima, Crivela argumenta em prol da liberdade religiosa, Mercury advoga a liberdade de expressão. Crivela é um político que é também uma pessoa religiosa. Ele até aproveita da sua religião para fazer política e de certa forma em pronunciamentos públicos ele é prefeito e bispo. Mercury é uma artista que também é uma pessoa religiosa. Ela até utiliza a sua religião na sua fala a favor da liberdade de expressão para reforçar que o Brasil é um país religioso, ainda que a Constituição não seja. (Na visão da Mercury, Brasil é um país Católico Romano). Barros tenta navegar numa posição pública entre liberdade de expressão e liberdade religiosa que visa a importância de receber Jesus da forma que Jesus se revela, seja como uma pessoa transexual, feminina, marginalizada, excluída, doente, sofredora. As categorias empregadas como exemplos por Barros são todas leituras de Jesus realizadas no âmbito das teologias, principalmente no campo da cristologia.

Ao seguir a reação e a recepção da Rainha Jesus no Brasil parece que muitas pessoas estão comentando em público uma peça que não viram e um texto que não leram. (A mesma coisa poderia ser dito das pessoas que protestam contra exibição da peça e tentam censurar a peça). Marcelo Barros tem a gentileza de admitir que ele não leu nem viu a peça: “Não tive oportunidade ainda de ver a peça ou ao menos ler o texto. Sei que, também muitos dos que a condenam não a viram nem querem saber

¹² BARROS, 2018.

do seu conteúdo”¹³. Marcelo Crivella, Daniela Mercury e o candidato à Presidência da República, entre outros, não viram nem leram a peça.

Num país que enfrenta desafios com analfabetismo – e analfabetismo funcional – não deveria ser uma surpresa que pessoas falem em público sem ler o texto da peça. De acordo com o IBGE, “em números absolutos, a taxa representa 11,5 milhões de pessoas que ainda não sabem ler e escrever. A incidência chega a ser quase três vezes maior na faixa da população de 60 anos ou mais de idade, 19,3%, e mais que o dobro entre pretos e pardos (9,3%) em relação aos brancos (4,0%)”¹⁴. Somam-se estes números o fato que 8,8% das pessoas não têm nenhum ano completo de escola e que, regionalmente, a maior incidência foi observada no Nordeste, com 16,5%¹⁵. Este é um fator que complica debates públicos sobre religião no Brasil. Pessoas, até figuras investidas com autoridade como bispos, intervêm sem ler.

2. A liberdade religiosa de uma pessoa trans

As observações são particularmente pertinentes no caso da peça *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu*. Longe de polarizar o debate em torno de liberdade de expressão e liberdade religiosa, longe de opor arte e religião, longe de ofender a consciência dos cristãos, a peça é evangélica. E a dramaturga, Jo Clifford, disse isso explicitamente na abertura do texto da peça. Daí a importância em ler antes de fazer uma intervenção. Na linguagem popular do Brasil, a dramaturga é evangélica. Sim, ela é uma dramaturga premiada. Também, é uma devota seguidora de Jesus. Regularmente, ela prega na sua pequena igreja evangélica em Edimburgo, Escócia. Ela testemunha o amor de Jesus nos seus escritos e na sua pessoa. Ela tem uma inclinação para folhas de chá, e ela gosta dos meus bolos caseiros fofinhos (*fairy cakes* ou *Queen cakes*).

¹³ BARROS, 2018.

¹⁴ NETO, João. *Analfabetismo cai em 2017, mas segue acima da meta para 2015*. 2018. Disponível em: <agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21255-analfabetismo-cai-em-2017-mas-segue-acima-da-meta-para-2015>. Acesso em: 7 de novembro de 2018.

¹⁵ NETO, 2018.

Marcelo Crivella, como prefeito da cidade do Rio de Janeiro, empregou uma linguagem em defesa da liberdade religiosa na sua fala sobre a peça de Jo Clifford. Ele afirma que a peça é “um espetáculo que ofende a consciência dos cristãos”¹⁶. A dificuldade levantada pela intervenção do Crivella é que ele está falando contra uma irmã cristã. É duvidoso que ele tem ciência disto. Crivella parte da posição de que a peça ofende os cristãos em nome da liberdade de expressão. Ele está defendendo uma minoria religiosa – a evangélica –, pede respeito à consciência e religião das pessoas, mas não aplica este direito à minoria trans que se interessa pela figura de Jesus. Ele não pensa que a peça é um ato devocional de uma cristã sincera em busca de Jesus. O problema para Crivella é que ele fala como prefeito, ou seja, no ofício de político eleito numa constituição laica. Ele não tem direito de interferir em questões teológicas e, por isso, opta para a divisão fácil entre liberdade religiosa e liberdade de expressão, sem considerar que a dramaturgia é evangélica.

Da mesma forma, as pessoas cristãs – evangélicas – que protestaram violentamente contra a exibição da peça em centros comunitários, igrejas e teatros no Brasil dificilmente consideram que a dramaturgia é evangélica. Porém, no caso dos protestos no ambiente da sociedade civil ou da comunidade de fé é possível traçar um diálogo ou debate teológico. Mas não é o que acontece no Brasil com *Rainha Jesus*. Os protestos optaram pela mesma estratégia de Marcelo Crivella, supondo que uma minoria religiosa está sendo afrontada pela liberdade de expressão da sociedade, em vez de buscar um diálogo teológico na linha do evangelho de Mateus, que afirma: “E vos, quem dizeis que eu sou?”¹⁷.

Igualmente, a violência direcionada contra a atriz trans Renata Carvalho e a diretora queer Natalia Mallo é, de acordo com Mallo, uma forma de transfobia que expõe os mecanismos de opressão prevalente na sociedade brasileira¹⁸. Esta transfobia e os mecanismos de opressão

¹⁶ GONÇALVES e DE LARA, 2018.

¹⁷ A BÍBLIA sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e cor. São Paulo: Sociedade Bíblica, 1997, p. 26.

¹⁸ MALLO, Natalia. *Diretora da peça censurada “O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu*. 2017. (3m52s). Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=UKOIHazE-N0o>. Acesso em: 7 de novembro de 2018.

não são apenas práticas das pessoas religiosas, inclusive evangélicas. Numa entrevista com Mídia Ninja, Mallo lembra que o “Brasil é o país mais transfóbico do mundo. Brasil é o país que mais assassina travestis e transexuais no mundo”¹⁹. A violência praticada pelas evangélicas contra Carvalho e Mallo, em nome de defender Jesus, não se sustenta diante do texto bíblico. No contexto do sermão da montanha, Jesus disse, “Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra”²⁰. E, durante o episódio em Getsêmani quando foi preso, Jesus disse ao discípulo que feriu o servo do sumo sacerdote com uma espada, “Mete no seu lugar a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada à espada morrerão”²¹. Jesus não pede, nem precisa, de defensores(as) violentos(as).

Nas suas palavras introdutórias à peça, Jo Clifford escreve,

Eu escrevi e atuo em *O Evangelho Segundo Jesus*, Rainha do Céu porque quero resistir. Resistir a vergonha profunda e devastadora, ao medo e à culpa que tem me acompanhado ao longo de quase toda a minha vida. A vergonha e o medo que assola quase todas as pessoas trans* nascidas neste mundo hostil...

Escrevi como Rainha Jesus porque a igreja Cristã tem sido e, infelizmente, em muitos casos, continua sendo uma fonte feroz de hostilidade e preconceito. Mas tudo que eu sei sobre Jesus pelos evangelhos contradiz completamente esta ideia. Portanto é irônico que ao apresentar esta peça pela primeira vez como parte do festival *Glasgay!* em 2009, a porta do Tron Theater tenha ficado lotado de religiosos enfurecidos protestando contra o que o Arcebispo de Glasgow chamou de ‘uma afronta à fé Cristã’...

Recebi muito apoio de outros Cristãos, especialmente os *Unitarians* e a *United Reformed Church*. Uma pastora desse Ministério me disse que tinha lido o texto para uma mulher trans* que estava morrendo em um hospício: “Seus olhos ficaram abertos como pires e o seu sorriso ainda maior. Ela amou. Foi uma benção. Obrigada”. Eu penso nela quando atuo...

¹⁹ MALLO, 2017.

²⁰ A BÍBLIA, 1997, p. 10.

²¹ A BÍBLIA, 1997, p. 43.

Penso nas mulheres incríveis que conheci no Brasil. O Brasil é notavelmente perigoso para nós mulheres trans. Elas vivem com medo²².

A reação à Rainha Jesus – a recepção de Jesus, se quiser – demonstra a realidade das palavras introdutórias de Jo Clifford. O mundo é hostil e sua hostilidade está entre as causas da vergonha profunda e devastadora, o medo e a culpa que acompanha pessoas trans. A hostilidade tem sua expressão teológica, mas não se restringe apenas à teologia. *A Rainha Jesus* é uma benção para quem quer resistir aos perigos de ser uma pessoa trans num mundo hostil. Neste contexto *Rainha Jesus* alimenta a resistência e esperança contra religiosos enfurecidos. A igreja representada por Crivella – a bancada evangélica na sua expressão política – parece não lembrar que entre os discípulos de Jesus “alguns éramos homens, algumas éramos mulheres, alguns éramos homens que costumavam ser mulheres, algumas éramos mulheres que costumavam ser homens, alguns éramos homens e mulheres ao mesmo tempo”²³. Como lembra a dramaturga, enquanto confundíamos as pessoas, é o que a Rainha Jesus mais amava em nós²⁴.

3. Presenças e ausências: o corpo deslocado de Jesus

Até hoje as pessoas que seguem Jesus continuam a confundir a sociedade com seu *queerness*. A teóloga Linn Marie Tonstad disse que a recepção do corpo de Cristo e o seguimento de Jesus dependem de um corpo presente constituído por sua ausência²⁵. O corpo de Jesus Cristo se faz presente teologicamente na Igreja através de corpos constituídos e mediados pela ausência do corpo de Jesus. Os(as) seguidores(as) afirmam que o corpo crucificado, ressurreto e transfigurado está presente exatamente na sua ausência. Mas os(as) seguidores(as) de Cristo não são

²² CLIFFORD E MALLO, 2016, p. 2.

²³ CLIFFORD E MALLO, 2016, p. 5.

²⁴ CLIFFORD E MALLO, 2016, p. 5.

²⁵ TONSTAD, Linn Marie. *God and Difference: The Trinity, sexuality, and the transformation of finitude*. Nova York: Routledge, 2016, p. 258.

apenas o corpo presente crucificado ou ressurreto ou transfigurado de Cristo; Cristo tem seu próprio corpo e está ‘no meio de nós’. Assim, a Igreja afirma-se o corpo de Cristo numa reprodução não biológica do corpo de Cristo²⁶. Cristo é diferente da Igreja e constitui a Igreja enquanto seu corpo. As pessoas embarcam numa descoberta não apenas do corpo de Jesus, mas do seu próprio corpo – presenças e ausências – conforme constituídos pela Igreja e sua afirmação do corpo presente ausente de Jesus.

Rainha Jesus nos toca porque acolhe a experiência dos corpos presentes e ausentes na fala que ela é filha de Deus “e é quase certo que sou seu filho também”²⁷. Esta é uma encarnação vulnerável. É Deus encorpado em Rainha Jesus – um corpo constituído presente pela ausência do corpo de Cristo – que reproduz a herança crística que recusa “perder o corpo”²⁸. Numa leitura *queer* do “Pai Nosso” na peça, esta ideia se expressa no Deus corporal que nos beija cada dia, perdoa nossa estupidez, salva-nos da destruição e negatividade e convida-nos para a *Queendom* da beleza e da alegria:

Mãe nossa que estais na Terra santificado seja vosso nome.
Seja feita a vossa alegria, assim na Terra como no Céu.
O beijo nosso de cada dia nos dai hoje.
Perdoai nossa estupidez, assim como nós perdoamos a estupidez alheia.
E não nos levais à ira ou à arrogância e salvai-nos da destruição e negatividade.
Pois sois Rainha da beleza e da alegria para todo sempre.
Amém.²⁹

A leitura *queer* do “Pai Nosso” que aparece na peça parte do corpo presente e constituído de uma pessoa trans*. Na peça há outras leituras *queer* de textos dos evangelhos. Assim, a peça da Jo Clifford situa-se no diálogo com a *Trans-theology*³⁰. A Teologia-Trans convida as igrejas a

²⁶ TONSTAD, 2016, p. 259.

²⁷ CLIFFORD e MALLO, 2016, p. 8.

²⁸ TONSTAD, 2016, p. 258.

²⁹ CLIFFORD E MALLO, 2016, p. 18.

³⁰ ALTHAUS-REID, Marcella e ISHERWOOD, Lisa (orgs). *Trans/formations*. Londres: SCM Press, 2009, p. 1.

abraçar e liderar os debates sobre pessoas transsexuais e travestis, porque “afinal, há um núcleo ‘trans’ na sua religião encarnada que proclamam como a realidade redentora do mundo”³¹. Althaus-Reid e Isherwood chamam a atenção para o corpo trans* de Jesus. Ele é *transfigurado*. Ele nasce de uma forma e vive de outro. E sem o corpo trans* de Jesus não há a presença constituída pela ausência na Igreja. Não há corpo de Cristo e Igreja. O corpo trans* de Jesus torna possível a superação do binarismo da teologia, seja ele na relação com o corpo criado, e a superação do binarismo nos debates na sociedade entre liberdade religiosa e liberdade de expressão.

A leitura *queer* dos evangelhos feita pela peça de Jo Clifford dialoga também com a ‘ortodoxia radical’. O teólogo Graham Ward, na linha do Karl Barth, lembra que “a teologia lê as Escrituras, as tradições da Igreja e o mundo à luz da glória do Cristo ressuscitado no espaço aberto entre a sua ressurreição e a nossa ressurreição”³². Nesse sentido, Ward enfatiza que ninguém tem acesso pleno aos corpos, apenas acesso aos corpos mediados pelos sinais, deslocamentos (*displacements*) e pressupostos sobre o corpo de Cristo. Enquanto Tonstad elabora uma cristologia de presenças constituídas por ausências, e Althaus-Reid e Isherwood trabalham com a encarnação trans*, Ward prefere olhar para o corpo deslocado (*displaced*) de Cristo. Para Ward, tal leitura do corpo de Cristo mediado pelos sinais, deslocamentos e pressupostos apresenta o corpo ambíguo de Jesus. Este corpo ambíguo de Jesus não nega a afirmação do credo que Jesus é divino e humano. Ao contrário, ele aprofunda a ambiguidade na teologia, seja a de Tertuliano, Agostinho, Atanásio, entre outros³³. Ward nota a influência de Tertuliano, Agostinho e Atanásio como contribuições fundamentais às doutrinas do corpo de Cristo. Tertuliano foi um dos primeiros teólogos a afirmar que Cristo é formado de uma carne como nossa – diferente dos anjos e da carne espiritual –, mas nasceu de Deus e não de um processo biológico como o nosso³⁴. É desta premissa

³¹ ALTHAUS-REID e ISHERWOOD, 2009, p. 1.

³² WARD, Graham. *Bodies: the displaced body of Jesus Christ*. In: MILLBANK, John, PICKSTOCK, Catherine e WARD, Graham (orgs). *Radical Orthodoxy: a new theology*. Nova York: Taylor & Francis Group, 2002, p. 163.

³³ WARD, 2002, p. 164.

³⁴ WARD, 2002, p. 164.

teológica que Agostinho e Atanásio desenvolvem sua teologia do corpo de Cristo, afirmando que ele é plenamente humano, sujeito as mesmas limitações físicas e enfermidades que nós, mas possuindo atributos perfeitos remetidos a Adão³⁵. Ward sinaliza que estas afirmações teológicas – na verdade no fundamento da cristologia – desestabilizam o corpo masculino de Jesus desde o início da teologia. Ele convida a teologia a refletir sobre o corpo ambíguo de Jesus apresentado pela própria teologia.

A peça da Jo Clifford, particularmente nas leituras *queer* de textos do Evangelho, pode ser lida tanto como uma proposta da *Trans-theology* quanto como uma consideração **sobre a** ‘ortodoxia radical’ sobre o corpo ambíguo de Jesus. O corpo de Cristo é tema central à teologia, principalmente na sua reflexão chamada cristologia. Tonstad, Althaus-Reid, Isherwood e Ward, teólogas e teólogos diferentes com projetos teológicos até divergentes, chamam à atenção da teologia para corpos presentes e ausentes, corpos trans* e corpos ambíguos na teologia. Como a teologia afirma o corpo presente de Jesus apesar da sua perda (Tonstad)? Como a teologia encarna Jesus *transfigurado* (Althaus-Reid e Isherwood)? Como a teologia ortodoxa faz a mediação dos corpos por sinais, deslocamentos e pressupostos (Ward)? Assim, a peça, *O Evangelho segundo Jesus, Rainha do Céu*, se torna não apenas um ato devocional mas uma discussão teológica, uma discussão por sinal longe das intervenções do Crivella, Mercury e Barros, sobre corpos de Jesus e o lugar do nosso próprio corpo na teologia. *Bodies matter!*³⁶

4. Para terminar, duas perícopes do Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu: Que porra é essa?

Certa vez um homem veio e me disse:
Senhora, como devo viver?
E eu disse:
Como você acha que deve viver?

³⁵ WARD, 2002, p. 164.

³⁶ BUTLER, Judith. *Bodies that Matter*. Nova York: Routledge, 1993.

E ele disse:

Bem, acho que..., o que me disseram na escola foi...

O que disseram para você na escola?

Para amar o próximo.

Então faça isso.

Mas e se eu não suportar o próximo?

E ainda, quem é o próximo mesmo?

Era uma vez um homem.

Um homem a caminho de casa, descendo a Consolação.

E a Consolação pode ser perigosa à noite.

E ele foi assaltado

e atacado

e jogado no chão para morrer.

E um bispo apareceu

a caminho de casa vindo do sínodo,

e sínodos são lugares onde homens velhos ficam irritados, falando mal do sexo,

e seu coração estava exausto de tanto ódio e discórdia,

e ele viu o homem necessitado

e pensou:

Deve ser um drogado. Fez por merecer.

Rezo por ele quando chegar em casa.

E seguiu o seu caminho.

Então um policial passou ali,

a caminho de casa vindo do seu plantão.

E estava cansado,

esgotado pelo espetáculo do sofrimento humano.

Ele viu o homem e pensou:

Mais um drogado. Não há nada que eu possa fazer.

E seguiu o seu caminho.

Então uma Rainha passou por ali,

Uma drag queen cambaleante,

vindo do bar da Márcia ali na Praça Roosevelt

onde ficou bêbada como um gambá

e arreventou o salto.

E seu vestido estava rasgado.
A maquiagem borrada.
As meias em frangalhos.
Trazendo gosto de gozo em sua boca.

E ela viu o homem
e pensou:

Pobre coitado.

E chamou uma ambulância do seu celular.
E ficou ali com ele até a ambulância chegar.

E qual deles era o seu próximo?
E é realmente tão difícil de entender?³⁷

Era uma vez um pai que tinha dois filhos.
E o menor veio a descobrir que era sua filha
e não soube o que fazer.

No final, ela foi até o pai dizendo:

Me perdoe, mas não posso mais ser o seu filho.

Mas o pai não a perdoou,
convocou todos na casa
e disse:

Esta criatura trouxe a desgraça para todos nós.

E a expulsou.

Mas o pobre homem estava fazendo o que achava correto
e apesar de tudo continuava amando sua criança.
Então lhe entregou escondido um pouco de dinheiro.

E a filha que um dia tinha sido um filho partiu
para um país distante
e então, não muito inclinada a ser prudente,
gastou todo o dinheiro que o pai tinha lhe dado
em belos vestidos
e sapatos
e logo se encontrou na rua sem um puto no bolso.

³⁷ CLIFFORD e MALLO, 2016, p. 12.

E todos os seus amigos,
que a amavam enquanto vestia Prada e Versace,
agora a chamavam de cafona
e não queriam saber dela.

E lá estava ela em um país distante,
sem ninguém para ajudá-la,
e havia tanta pobreza ali,
e teve que trabalhar com qualquer coisa.
Então foi trabalhar na cozinha de um hotel lavando panelas e
pratos
e era trabalho sujo
e as horas eram longas
e a paga era ruim
e muitas vezes passou fome.

E na cozinha eles jogavam fora tanta comida.
Comida que na casa do seu pai serviria para alimentar os porcos.
Mas eles tinham que jogar fora,
pois não era permitido tocá-la,
e ela disse para si:
*Na casa do meu pai
tratam os animais melhor do que os trabalhadores
são tratados aqui.
Vou voltar para o meu pai
e dizer:
"Sinto muito,
não posso mesmo ser seu filho
e se você não pode me aceitar como sua filha
ao menos me dê trabalho como faxineira."*

Então ela voltou para a casa do pai,
pedindo carona e escondida em vagões
e o pai a viu chegando lá de longe
e gritou de alegria
e correu ao seu encontro.
E ela caiu aos seus pés
e disse:
Pai...
Mas o pai não a deixou terminar.

Ele a ajudou a se levantar
e a abraçou
e disse às serviçais:
*Preparem um banho perfumado
e tragam um belo vestido
e abram a champanha
e vamos ter uma festa!*
*Pois aquela que partiu, retornou.
Aquela que morreu, voltou à vida.
E aquela que estava perdida, foi achada!*

E quando a festa estava em seu auge,
o filho mais velho chegou do trabalho.
E perguntou:
Que porra é essa?
pois a sua casa costumava ser um lugar soturno.

E quando soube ficou furioso,
e disse ao seu pai:
*Eu tenho sido um bom filho!
Eu fiz tudo
que se supunha que deveria fazer
e você não me deu um terno sequer!
E este pervertido vem e ganha tudo!*

E o pai disse:
*É verdade, você sempre fez o seu melhor
e tentou ser um bom filho para mim
mas o fato é que você é um chato.
E você nunca me amou!
E você se perdeu...*

*... enquanto esta minha filha estava morta
e agora vive
Estava perdida
e foi encontrada.
Eu a encontrei
e ela se encontrou.
Portanto é claro que devemos celebrar.*

E assim o fizeram.
Pois assim é o Reino dos Céus.

O Reino dos Céus é como uma semente de mostarda
pequena pequena pequena
e você pode escondê-la se quiser,
mas se você assim fizer ela crescerá dentro de você
grande grande grande
até que não vai sobrar espaço para mais nada.
Pois eu digo que aquilo que foi escondido virá à luz.
Pois dentro de todas nós há luz,
e talvez tenham desde cedo nos ensinado a ter vergonha disso.

E quando você tem a luz, você a esconde num armário?
Não! Você a deixa sair onde todos possam vê-la
e é feliz por ela existir e brilhar no mundo³⁸.

5. Considerações finais

Este artigo analisou a recepção da peça *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu* no Brasil, que estreou no Brasil em 2016. Especificamente, no artigo consideraram-se as intervenções públicas de um prefeito evangélico do Rio de Janeiro, uma cantora lésbica da Bahia e um monge beneditino. À luz destas intervenções e levando em consideração que a própria dramaturga é uma pessoa trans evangélica, o artigo explorou a recepção de Jesus como um tema fundamental para a teologia. A peça, *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu* pauta no Brasil a própria pergunta de Jesus, recordada no Evangelho de Mateus: “E vos, quem dizeis que eu sou?” (Mt 16,15).

A teologia responde a esta pergunta fundamental de maneiras variadas. Linn Marie Tonstad, Marcella Althaus-Reid, Lisa Isherwood e Graham Ward trabalham esta pergunta com teologias diferentes, mas teologias que buscam o corpo de Jesus Cristo. As teologias tentam responder a própria pergunta de Jesus, narrada no Evangelho de Mateus:

³⁸ CLIFFORD e MALLO, 2016, p. 14.

“E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mt 16,15), chamando a atenção da teologia para corpos presentes e ausentes, corpos trans* e corpos ambíguos dentro da teologia.

Jo Clifford, que escreveu a peça como um ato devocional de uma seguidora trans evangélica, incluiu na peça várias leituras *queer* das perícopes bíblicas. Deste modo, a peça é arte e teologia e, especificamente, propõe uma *Trans-Theology* que visibilizam o corpo e leitura trans da Bíblia e da teologia.

Referências

- A BÍBLIA sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e cor. São Paulo: Sociedade Bíblica, 1997.
- ALTHAUS-REID, Marcella & Isherwood, Lisa (orgs). *Transformations*. Londres: SCM Press, 2009.
- BARROS, Marcelo. *Carta aos irmãos e irmãs, cristãos de Garanhuns*. 2018. Disponível em: <<http://marcelobarros.com/blog/carta-aos-irmaos-e-irmas-cristaos-de-garanhuns/>>. Acesso em: 7 de novembro de 2018.
- BOLSONARO, Jair. M. (2018) *Na programação do Festival de Inverno de Garanhuns/PE*. 2018. Disponível em: <twitter.com/jairbolsonaro/status/1013168711409299457>. Acesso em: 7 de novembro de 2018.
- BUTLER, Judith. *Bodies that Matter*. Londres: Routledge, 1993.
- CLIFFORD, Jo & MALLO Natalia. *O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu*. Londres: Alan Broadie Representation, 2016.
- GONÇALVES, Juliana e DE LARA, Bruna. *Marcelo Crivella censura Jesus Trans: peça tinha sido aprovado pela prefeitura do Rio de Janeiro*. 2018. Disponível em: <theintercept.com/2018/06/05/crivella-censura-jesus-trans/>. Acesso em: 7 de novembro de 2018.
- MADA, Teofan. “Moral Conscience in Eastern Patristic Theology”. *International Journal of Orthodox Theology* 5:2, p. 75-102, 2014.
- MALLO, Natalia. *Diretora da peça censurada “O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu” (3m52s)*. 2017. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=UKOIHazEN0o>. Acesso em: 7 de novembro de 2018.

- MERCURY, Daniela. *Daniela Mercury detona censura a peça sobre Jesus travesti* (4m31s). 2018. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=7kErgzcY1oM>. Acesso em: 7 de novembro de 2018.
- NETO, João. (2018) *Analfabetismo cai em 2017, mas segue acima da meta para 2015*. Disponível em: <agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21255-analfabetismo-cai-em-2017-mas-segue-acima-da-meta-para-2015>. Acesso em: 7 de novembro de 2018.
- THE BRITISH Council. *Momentum: Stories from Edinburgh*. Londres: British Council, 2018.
- TONSTAD, Linn Marie. *God and Difference: The Trinity, sexuality and the transformation of finitude*. Nova York: Routledge, 2016.
- VALADARES, João. *Censurar peça é absurdo, diz Daniela Mercury sobre espetáculo com atriz trans*. 2018. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/07/censurar-peca-e-absurdo-diz-daniela-mercury-sobre-espetaculo-com-atriz-trans.shtml>. Acesso em: 7 de novembro de 2018.
- WARD, Graham. “*Bodies: The displaced body of Jesus Christ*”. In: MILBANK, John, PICKSTOCK, Catherine & WARD, Graham (orgs). *Radical Orthodoxy*. Londres: Taylor & Francis Group, 2002.